

Vilancicos de Santa Cruz de Coimbra

O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra era a principal casa dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho e os dos principais centros musicais portugueses nos séculos XVI e XVII. Era uma comunidade musical auto-suficiente que utilizava os seus próprios membros como cantores, instrumentistas, mestres de música, compositores e fabricantes de instrumentos. Durante os cinco anos de noviciado cada monge tinha que estudar música e órgão, mas todos os que tocassem outros instrumentos que pudessem ser usados nos serviços religiosos faziam-no também, sempre que isso lhes fosse pedido.

Muitos dos vilancicos de Santa Cruz de Coimbra são negros, peças que constituem magníficos exemplos da troca cultural inerente às descobertas e evangelização portuguesa. Em várias línguas - português, castelhano, crioulo ou mesmo outras, que aparecem em diálogo, misturadas ou com exotismos, estas peças têm quase sempre como tema o Natal, o nascimento do "Menino". São sempre em várias partes, solos e *tuttis* que se sobrepõem ou dialogam, por vezes de grandes dimensões e estrutura elaborada, e ilustram a evolução que conduzirá à cantata-vilancico do fim do século XVII e do século XVIII. Embora não haja qualquer tipo de descrição da execução destes vilancicos, é muito provável que esta envolvesse algum tipo de representação e encenação, incluindo danças, além, evidentemente, da utilização de instrumentos variados.

Olá hau, quién está ahy? é um "Dialogo do Castellano, Negro e Portugues", que se zangam ao reivindicar para cada um a nacionalidade e a pertença do Menino Jesus (os argumentos incluem a cor da pele do Menino). É o negro ("plétio d'Angola") que "toros zente quer ver amigas" e que apela a que "no ayas brigas". Todos acabam a cantar e a festejar. É para dois coros, cada um de quatro vozes, vários solistas e acompanhamento instrumental.

Qual fue la causa señor? é também para dois coros, cada um a quatro vozes, um solista e acompanhamento instrumental, com várias alternâncias entre solos e *tuttis*. Tem uma escrita bastante harmónica e vertical, e utiliza muito os efeitos de eco entre os dois coros. Fala das tristezas e das desventuras da vida e do amor, mas pede ajuda ao Senhor para que na "última viagem" sejam encontradas "couzas de risi e de graça".

En un portal derribado é outra vez sobre o nascimento do Menino Jesus ("esta noche entre pajas parió la Reina") e tem, em relação ao que costuma acontecer neste tipo de peças, uma anormal qualidade poética: "un clavel ha nacido de una asucena", "en Dezembro se ha buelto la primavera"). Perante o presépio, um português "com muy grandes botas" e "muito valente" afasta toda a gente porque "o menino que chora hé de Portugal". Mas irrompe "un gallardo italiano" que começa a "cantar bizarro" (em italiano), querendo apresentar o Menino às gentes do seu país, tratando mesmo o Menino por "lo belo macarrone". Entra de seguida "una dança de negros", que fazem grande festa, dançam, cantam e tocam ("flauta", "pito", "tamborilito") porque nasceu "noss'amo". Alternando solos e *tuttis*, é para dois coros, cada um de quatro vozes, com uma escrita muito movimentada, com algumas imitações motívicas mas em que predominam os diálogos entre os dois coros.

Olá zente que aqui samo conta que se cumpriu a profecia em "terra de zente blanca", e que a "siolo do Rosaro pare en Beren nuns pahya" (a Senhora do Rosário deu à luz numas palhas, em Belém). Vão todos a Belém levar presentes "de cosa de nosso terra" ("mantega", "ova da xuque es coida huns batatia, mandioca mas ynhamé", "tabaquio", etc.), "bezamo as pé da minina" e "nas mão da siolo Raihia" (Nossa Senhora), mas todos fazem grande festa, dançando e tocando, porque "hoze a pleto zente" (da Guiné e de S. Tomé) se abriram as glórias do Céu ("ablimo as glória da Ceo"). Também alternando solos e tuttis, é para dois coros, cada um com quatro vozes, e tem uma escrita muito viva, em que coexistem pequenas imitações motívicas com diálogos verticais em acordes entre os dois coros, muitas vezes sobre interjeições de alegria ("hé, hé, hé").

Olá plimo Bacião, a nove vozes, divididas em dois coros (5+4), e baixo instrumental, com vários solos e tuttis que se sucedem, tem uma escrita muito viva, com uma constante alternância e sobreposição de divisões rítmicas binárias e ternárias, e ainda um movimentado diálogo entre blocos, quase sempre os dois coros, cada um com elementos diferentes, como por exemplo num a descrição da acção, melódica e horizontal, e no outro interjeições festivas, feitas em acordes síncronos. O "plimo" Bacião e outros negros da Guiné e de S. Tomé são chamados para vir ver o Menino Jesus que acabou de nascer ("Qu'esse nozo Deuzo é"), todos querem beijar as suas mãos e os seus pés, mas sobretudo todos os que sabem cantar, tocar e bailar querem fazer uma grande festa.